

RESENHA

GO, Julian. Postcolonial Thought as Social Theory. In: BENZECRY, Claudio; KRAUSE, Monika; REED, Isaac Ariail. **Social Theory Now**. The University of Chicago Press, Londres, 2017. p. 130-161.

Sibele Souza Rodrigues¹

O livro a “Teoria social agora” é formado por escritos de diversos autores, o seu quinto capítulo intitulado “O pensamento pós-colonial como teoria social” é escrito por Julian Go e consiste no foco desta resenha. O tema desse capítulo versa nas abordagens que podem contribuir para a consolidação de uma sociologia pós-colonial. O autor inicia o texto com uma breve introdução, de modo a apresentar o pensamento pós-colonial. Em seguida estrutura o capítulo do seguinte modo: “Teoria pós-colonial e a episteme do império”; “Teoria pós-colonial e sociologia”; “Teoria social além do império” e “Teoria social pós-colonial como a terceira onda”.

Na introdução, Go discute a preocupação da teoria social com as relações sociais e a modernidade, estabelecendo uma conexão entre esse período histórico e o imperialismo. Ele argumenta que a modernidade é uma consequência das relações imperiais e, apesar do fim do colonialismo como subjugação política direta, seus desdobramentos permanecem em situações de “sujeição abjeta”. Nesse contexto, Go destaca a teoria pós-colonial como um corpo teórico que busca compreender o processo colonial sem limitar-se a ele.

O trabalho acadêmico estadunidense correspondente à teoria pós-colonial surgiu nas humanidades na década de 1980, questionando as ideias intelectuais eurocêntricas e ganhando destaque na década de 1990. Contudo, na sociologia, a

¹ Mestranda no Programa de Pós-graduação em Sociologia Política (PPGPS) da Universidade Estadual Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF). Graduada em Pedagogia pela UENF. Foi estagiária da Fundação Cultural Jornalista Oswaldo Lima, da cidade de Campos dos Goytacazes/RJ. Atuou também como bolsista de extensão na área da cultura, no projeto intitulado Paredes Centenárias que Guardam a Memória Documentário sobre o Arquivo Público Municipal Waldir Pinto de Carvalho. Além disso, foi bolsista de Iniciação Científica no Projeto de Educação Ambiental (PEA) Pescarte, inserida na linha de pesquisa Antropologia Visual aplicado à investigação de memórias, identidades e fazeres artesanais entre Comunidades Pesqueiras do Norte Fluminense e Região dos Lagos interlocutoras do PEA Pescarte. Desenvolvendo o projeto intitulado Elaboração de materiais audiovisuais para Formação Continuada do Projeto de Educação Ambiental Pescarte: possibilidades e desafios, coordenado pela Professora Doutora Lilian Sagio Cezar junto a Unidade Experimental de Som e Imagem (UESI), da UENF. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3385148493301057>

teoria social pós-colonial “não é (ainda) uma área de pensamento e investigação reconhecida e aceita” (Go, 2017, p.132, tradução minha). Ainda assim, há uma demanda crescente entre sociólogos. Com base nisso, o autor indaga o que seria uma teoria social pós-colonial e enfatiza a importância da análise de seu surgimento no contexto da década de 1980, nas humanidades, bem como em um período anterior, no início do século XX, com autores como DuBois.

Nesse sentido, Go inicia o tópico “Teoria pós-colonial e a episteme do império” apresentando as duas ondas da teoria pós-colonial. A primeira é marcada pelo predomínio da perspectiva política, pois a maioria dos autores participava de movimentos anti-colonialistas e não estavam necessariamente associados à academia. Suas obras partiam das experiências do povo colonizado. Destacam-se Frantz Fanon, Aimé Césaire, C.L.R. James, Amílcar Cabral e W.E.B. DuBois como os principais escritores dessa onda. A segunda onda ocorreu principalmente na academia, com autores como Edward Said. Esse autor, propôs o termo “orientalismo” como uma estrutura epistêmica que legitimou a dominação colonial, baseada em um discurso que retratava o Oriente como atrasado e estático.

A partir do “orientalismo”, desenvolveu-se um “subcampo” da teoria pós-colonial chamado “Análise do Discurso Colonial”. O “orientalismo” também destaca a oposição entre a teoria pós-colonial e a marxista, criticando a negligência do marxismo em relação à cultura na experiência imperial. Apesar, da primeira onda focar no derrube político e a segunda no derrube acadêmico, ambas convergem na crítica ao eurocentrismo e no desenvolvimento de ideias para a reconstrução.

Nesse contexto, enuncia-se quatro elementos epistemológicos imperialistas sobre os quais a teoria pós-colonial se debruça, além do “pensamento ou representações racializados e ‘orientais’” (Go, 2017, p. 135, tradução minha): a “lei da divisão” proposta por Said, que consiste em uma concepção dicotômica que nega a perspectiva relacional mutuamente constitutiva no contexto colonial, no sentido da interdependência entre colônia e metrópole para a construção da identidade de ambas.; a “oclusão da agência dos subalternos”, que exclui as ações dos colonizados da historiografia dominante; o universalismo eurocêntrico, que impõe narrativas europeias ao resto do mundo; e a crítica ao iluminismo como cultura colonialista. Diante disso, Go enfatiza que o foco da teoria pós-colonial está nos aspectos epistêmicos e culturais, com o objetivo principal de buscar ou produzir

“diferentes tipos de conhecimento para ajudar a **descolonizar a consciência**” (Go, 2017, p. 138, tradução e grifos meus).

No tópico seguinte, intitulado a “Teoria pós-colonial e sociologia”, Go pontua que a teoria social pós-colonial não se ajusta ao conceito de teoria, como a ideia “de um conjunto de hipóteses ordenadas sobre o mundo social ou no sentido de uma “explicação causal singular logicamente integrada” (Go, 2017, p.139, tradução minha). Contudo, é compatível com uma visão do mundo, que reconhece a **estrutura de hierarquia global** e as **relações de poder**. A teoria social pós-colonial se desdobra em duas etapas principais: crítica e reconstrução. A etapa da crítica se opõe e questiona conceitos, como aqueles que promovem estereótipos. A reconstrução é uma etapa que corresponde a um processo que visa desenvolver novos conceitos para as narrativas sociológicas pós-coloniais, enfrentando a continuidade da reprodução da epistemologia colonial. Existem objeções que apontam que a sociologia clássica obliterou o papel do colonialismo na construção do conceito de modernidade, tratando-o como um desdobramento, e não como um elemento constitutivo.

Além disso, houve a exclusão de pensadores pós-coloniais do cânone sociológico, como DuBois, que teorizou o conceito de raça. Sociólogos clássicos, como Durkheim não incorporaram adequadamente as sociedades coloniais em suas análises, desconsiderando as complexidades das interações e interligações entre colônias e metrópoles. A interseção entre a “lei da divisão” e o universalismo na sociologia do Norte promove análises generalizadas realizadas por indivíduos da metrópole para abordar suas próprias questões. O problema, surge quando as ideias dessas análises são transpostas para as regiões colonizadas, cujos contextos e demandas são distintos dos da metrópole. Logo depois, o autor discute a “Teoria social além do império”, apontando que a teoria social pós-colonial não pode se limitar apenas à crítica. É necessário organizar diferentes abordagens analíticas para construir teorizações e pesquisas sobre o mundo social. Nesse sentido, Go destaca o “relacionalismo pós-colonial” e o “ponto de vista subalterno”.

O “relacionalismo pós-colonial” propõe uma reinterpretação da modernidade e das relações sociais contemporâneas, enfatizando a reconexão ao invés da divisão binária em falsas dicotomias. Essa abordagem questiona as perspectivas inerentes à epistemologia imperial, representada pela “lei da divisão” (baseada no pensamento

substancialista). O relacionalismo, se baseia em uma reconexão de ligações, com uma visão de interações mutuamente constitutivas e interdependentes.

Alguns autores, como Bhambra, questionam o que constitui uma "conexão" e como ela é analisada, além de apontar que conceitos como "história interdependente" de Said e "histórias conectadas" de Subrahmanyam, que contribuem para essa percepção, já estão presentes na sociologia existente, como na teoria da dependência.

Go, ao apresentar o "ponto de vista subalterno", pontua que há críticas sobre a utilidade da abordagem relacional, uma vez que seu conceito e oposição ao substancialismo parecem desenvolver-se em uma lógica dualista inerente à tradição da sociologia eurocêntrica. Em contrapartida, o "ponto de vista subalterno" é enunciado como uma abordagem pós-colonial não impactada por essa questão, pois seu ponto de partida é a perspectiva do subalterno, em consonância com a primeira onda da teoria pós-colonial. Assim, a subjetividade, as experiências e a agência do subalterno são questões importantes nessa abordagem, cujo escopo é enfrentar o universalismo colonialista da perspectiva do Norte.

Desse modo, surgem demandas, como as promovidas pela sociologia dos povos originários, pela utilização de conhecimentos subjugados do Sul. "Esses conhecimentos oferecem uma teoria 'suja' – isto é, conceitos enraizados nas experiências e interesses do mundo pós-colonial e não nos confins do terreno norte-americano ou europeu" (Connell, 2007, *apud* Go, 2017, p. 148, tradução da autora). Go (2017), ao discorrer sobre essa teoria "suja", Go a apresentou como "teorizar a partir do zero". Autores como Bhambra pontuaram suas preocupações quanto à capacidade da sociologia indígena em explicar as relações sistêmicas de dominação colonial e sua possível limitação a contextos específicos, além do perigo de um essencialismo inverso, onde as opiniões das pessoas do Sul podem ser consideradas privilegiadas em relação às dos Norte global.

A perspectiva da subjetividade e produção da verdade foi evidenciada na discussão sobre o ponto de vista subalterno, analisando-a como uma posição social diferencial e contextual. Quanto à subjetividade e à verdade, foi ressaltado que "uma epistemologia de ponto de vista subalterno baseia-se naquilo que os cientistas sociais pós-positivistas e pós-kuhnianos já reconhecem: o conhecimento é socialmente situado" (Longino, 2006, *apud* Go, 2017, p. 149, tradução minha). Portanto, essa abordagem tem o potencial de auxiliar na construção de espaços

para a diversidade de vozes na teoria social, desafiando paradigmas dominantes e promovendo uma compreensão mais crítica das dinâmicas sociais globais.

Na última parte intitulada "Teoria social pós-colonial como a terceira onda", Go destaca que as abordagens previamente apresentadas têm prós e contras e não cobrem todas as possibilidades da sociologia pós-colonial. Ele discute sobre uma abordagem de desconstrução que não se concentra na elaboração de críticas e alternativas à epistemologia do Norte, mas sim na evidência das contradições presentes em todo conhecimento. Retomando o "relacionismo pós-colonial" e o "ponto de vista subalterno", Go argumenta que essas perspectivas revelam a formação imperial das sociedades e buscam alternativas ao conhecimento social que desafiem a epistemologia colonial, representando uma "terceira onda" de estudos pós-coloniais, fundamentada na sociologia em vez das humanidades, reintegrando assim a teoria pós-colonial ao campo disciplinar de W.E.B. Du Bois.

O autor contextualiza a teoria pós-colonial e propõe abordagens para consolidar uma sociologia pós-colonial. Ele aprofunda a crítica ao imperialismo e seu legado, e evidencia alternativas epistêmicas para enfrentar a dominação colonial persistente. Destaca-se as duas etapas da teoria social pós-colonial: crítica e reconstrução. A crítica, por si só, é insuficiente, pois permanece dentro das concepções coloniais, enquanto a reconstrução promove uma lógica emancipatória, desenvolvendo conceitos que dialogam com contextos, histórias e identidades.

Nesse sentido, o autor, após apresentar diversas questões, também destaca demandas como a da sociologia dos povos originários, cujos conhecimentos proporcionam uma teoria fundamentada nas experiências e no contexto. Entretanto, essa questão, que dialoga com a perspectiva da reconstrução apresentada e poderia oferecer um vislumbre empírico da discussão, não foi aprofundada por Go. Além disso, ele não fez articulações com outras perspectivas teóricas, como a teoria crítica, a teoria feminista e a decolonialidade. Frantz Fanon, por exemplo, é um autor considerado tanto pós-colonial quanto decolonial, indicando pontos de interseção entre ambas as teorias que poderiam ter sido discutidos.

Portanto, o texto possui implicações importantes, contribuindo significativamente para a reflexão sobre a consolidação da sociologia pós-colonial. No entanto, poderia ter aprofundado mais nas perspectivas empíricas inerentes à reconstrução proposta pelo pós-colonialismo, além de articular a discussão com outras abordagens teóricas.